

## 10. Uma adoração totalmente nova

"Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: [...] 'Segue-me!'" (Mc 10, 21).

Todo o dom do tesouro está nestas palavras, neste acontecimento, nesta experiência, nesta oferta de Jesus à nossa vida. O tesouro era tão manifestamente dado ao jovem rico que ele não teria tido necessidade nem mesmo de cavar no campo, ou tampouco de comprar o campo para obter o tesouro. O tesouro era uma pérola que Jesus colocava gratuitamente em sua mão. Bastava recebê-la, bastava acolhê-la.

Por que ele não o recebeu? Porque não o apreciou. Ele o comparou com seus bens e seu coração fez uma apreciação errada. O jovem rico desprezou o tesouro, desprezou Cristo. E isso significou que ele não o preferiu, preferiu outra coisa. E esta é uma questão que tem a ver com a alegria. Porque se prefere aquilo no qual se põe sua alegria. O jovem decidiu colocar sua alegria em suas riquezas. Mas se pode encontrar verdadeira alegria naquilo que não é Cristo, naquilo que se opõe a Cristo, quando Cristo nós já o encontramos ao revelar-se como tesouro absoluto do nosso coração, da nossa vida? Esta é a coisa mais triste no episódio do jovem rico, e em todos os episódios análogos, mesmo aqueles que às vezes experimentamos em nós mesmos ou vemos nos outros: que escolhendo pôr a alegria em suas riquezas, esse jovem a perde totalmente, perde também alegria em suas riquezas.

Em que devemos então trabalhar para não escolher a tristeza ao invés da alegria? O que devemos fazer para não nos resignarmos à tristeza? Não devemos trabalhar sobre a própria alegria, em nós, porque é como querer ver a beleza apenas nos preocupando com nossos olhos, ou pretender salvaguardar o bom funcionamento de nossas pernas massageando-as em vez de caminhando ou correndo. Devemos trabalhar sobre o apreço a Cristo, sobre a preferência a Cristo, isto é, sobre a adoração. Devemos cultivar a adoração. Para cultivar a alegria, para escolhê-la sempre de novo, para não nos revermos escorregando na tristeza, devemos cultivar, escolher a adoração.

Como? O que significa adorar? O que significa preferir? Adorar a Cristo significa reconhecer, afirmar, que Jesus é o tesouro absoluto da nossa vida. Mas, dito assim, isso não significa nada, não entendemos o que devemos fazer, e talvez nos limitemos a piedosas definições ou práticas de adoração, onde adorar a Deus em Cristo não depende mais de um anseio religioso, mas de um escrúpulo cheio de temor.

É importante compreender que a adoração de Cristo e, portanto, a alegria que nos vem d'Ele, é agora ditada pelo modo como Deus se apresenta a nós, se oferece a nós. E é algo novo, totalmente novo em relação a todas as manifestações de Deus e, portanto, a todas as formas de adoração que, em todas as religiões, e também na judaica, foram expressas. Quando Deus se manifestou na sarça ardente, ou no Sinai, Moisés e o povo não sabiam como estar diante daquelas teofanias. A primeira reação foi uma adoração de terror, era como se o homem se sentisse esmagado pela manifestação divina. Era como se a teofania fosse para o homem uma ameaça de morte. De fato, quando Moisés pede a Deus: "Mostra-me a tua glória!" (Ex 33,18),

Deus lhe responde: "Vou fazer passar diante de ti todo o meu esplendor, e pronunciarei diante de ti o nome de Javé. Dou a minha graça a quem quero, e uso de misericórdia com quem me apraz. Mas [...] não poderás ver a minha face, pois o homem não me poderia ver e continuar a viver" (Ex 33,19-20).

Que inversão total quando, como começa a Carta aos Hebreus, "Deus, muitas vezes e de diversos modos outrora falou aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas" (Hb 1, 1-2). Que inversão total quando o Deus tremendo do Sinai vem revelar-se num Menino e se deixa adorar por simples pastores!

Os magos haviam se preparado para adorar um Deus terrificante e favorecê-lo com ouro, incenso e mirra. E eis que se encontram diante de uma criança indefesa, que certamente não desperta nenhum medo, nenhum temor sagrado. Prostram-se e adoram-na, mas não é mais um gesto ditado pela sua elevada experiência e sabedoria religiosa. É um gesto novo, uma liturgia nova, *ditada pela forma na qual Deus se manifesta, na qual Deus se faz presente*. É um gesto que também os pastores certamente expressaram, eles também na escola não de uma grande tradição religiosa e sapiencial como os Magos, mas na escola do mesmo Menino, da presença com a qual Deus vinha a manifestar-se, diretamente a eles, a eles pessoalmente.

Um Deus que se faz presente assim, num ser verdadeiramente humano, desde a concepção, ao nascimento, às etapas da vida, até à morte, que adoração pode pretender? Que reconhecimento de sua divindade pode pedir? Qual é o templo de adoração a Jesus Cristo?

Lembremo-nos do primeiro encontro de João e André com Ele.

"'Rabi, onde moras?'. 'Vinde e vede' – respondeu-lhes ele. Foram aonde ele morava e ficaram com ele aquele dia. Era cerca da hora décima" (Jo 1,38-39).

A forma nova de adoração a Deus no Verbo feito homem é este *habitar*, este *permanecer com Ele*. O novo templo é a relação com Ele, olhá-lo e escutá-lo, deixar-se olhar por ele e falar-lhe. *O novo Templo é a amizade com Jesus*.

É precisamente este o *habitare secum* de São Bento. Bento "viveu só consigo, porque, sempre prudente na guarda de si mesmo, vendo-se continuamente ante os olhos do Criador e examinando-se sem cessar, nunca deixou que lhe divagasse fora o olhar da mente" (São Gregório Magno, *Diálogos*, II, 3).

"Vendo-se continuamente ante os olhos do Criador – *ante oculos Conditoris se semper aspiciens*". Isto significa que o recolhimento de São Bento era uma relação, um estar diante de Deus, uma troca de olhares, a contemplação do olhar de Deus sobre ele, um sentir-se definido mais pelo olhar de Deus do que pelo próprio. Bento fazia seu o olhar de Deus sobre ele, se via à luz de Deus, que é a mais profunda verdade de si mesmo que se pode ter, porque nenhum olhar nos vê como somos e como somos chamados a ser mais e melhor do que o olhar Daquela que nos faz, que nos ama, nos cria, nos chama, nos envia.

Não era uma autocustódia moralista, a de Bento. Não era um guardar a sua perfeição, a sua pureza, o seu recolhimento, o seu silêncio, a sua virtude. Era, ao

contrário, um manter-se na posição humilde e confiante de alguém que permite a Deus de plasmar, Ele, em cada momento a nossa perfeição, a nossa pureza de coração, a pureza dos pensamentos, das palavras, do corpo; a posição que permite a Deus de criar Ele mesmo o nosso recolhimento, a nossa virtude, a nossa oração.

Imaginemos se André e João não tivessem feito essa experiência habitando aquele dia com Jesus! Por isso não se desprenderam mais d'Ele, apesar de tudo o que neles devia ser formado, corrigido, restaurado, perdoado.

A adoração que reconhece o tesouro que Cristo é para nós e, portanto, o segredo da alegria nele – pelo próprio fato de que Ele se fez homem, de que viveu e vive entre nós como homem – é este *estar com Ele*, é esta relação, é este olhar para Ele que nos olha, isto é, este face a face, esta amizade que Ele veio viver conosco.

"Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo" (Ap 3, 20).